

Tudo ainda pode mudar

» ORLANDO THOMÉ CORDEIRO
Consultor em estratégia

Na quarta-feira, foi divulgada mais uma rodada da pesquisa Genial-Quaest, que traz algumas poucas novidades ao lado de importantes indicações. A avaliação do governo continua apontando uma desaprovação de 50%, mas os recortes por gênero, idade, escolaridade, renda familiar e região trazem dados que merecem um olhar atento.

Junto ao público feminino, a avaliação negativa chega a 55% enquanto entre os homens é de 44%. Entre jovens até 24 anos, a desaprovação é também de 55% e, nas demais faixas etárias, fica em torno de 50%. Entre os que têm ensino superior, 54% não aprovam e, nos outros níveis de escolaridade, fica em torno de 50%. Para quem tem renda familiar menor que dois salários mínimos e entre dois e cinco salários mínimos, ainda que seja um alto percentual de desaprovação (52% e 48%, respectivamente), a curva é descendente. A mesma tendência de queda aparece nas regiões Norte (42%) e Nordeste (56%), sendo que, nas outras três regiões, a desaprovação continua crescendo, chegando a 48%-49%. O que podem explicar esses números?

Entre as mulheres, 61% consideram negativa a forma como o presidente está lidando com a pandemia, problema que aparece em tendência de crescimento na preocupação da população. Ou seja, isso ajuda a entender a maior desaprovação no segmento. Por seu lado, a melhora de cenário para ele nas regiões Norte e Nordeste pode estar associada ao início do pagamento do Auxílio Brasil. Essa hipótese ganha força porque a pesquisa mostra aumento de 3% na sua aprovação entre quem recebe até dois salários mínimos e tem alguém na família recebendo auxílio ou Bolsa Família.

Sobre as eleições, quanto à intenção de voto espontânea, chama a atenção o alto número de indecisos (52%), revelando o pequeno interesse da população pelo tema. Apenas quatro candidatos são citados: Lula (23%), Bolsonaro (16%) Moro (1%) e Ciro (1%). Na resposta estimulada, Lula (45%) e Bolsonaro (23%) seguem liderando, muito distantes do ex-juiz Sergio Moro, consolidado na

terceira posição com 9%, quase o dobro de Ciro (5%) e o triplo de Doria (3%).

Quando é perguntado quem a pessoa prefere que ganhe as eleições, Lula está em primeiro com 44%, seguido por 26% que não querem nem Lula nem Bolsonaro e o presidente em terceiro com 23%. Na pergunta acerca de conhecimento e chance de voto, é possível identificar os níveis de rejeição: Bolsonaro (66%), Doria (60%), Moro (59%), Ciro (58%) e Lula (43%).

Em relação à segunda opção de voto, Ciro aparece com 18% e Moro com 14%. Mas, ao se fazer o cruzamento com cada uma das primeiras opções, o ex-juiz aparece à frente de Ciro entre eleitores dos demais candidatos, à exceção dos eleitores de Lula. Porém, até mesmo nesse estrato, Moro aparece com 10% como segundo voto.

Os principais problemas identificados, de forma agregada, foram: economia (37%), saúde/pandemia (28%), questões sociais (13%) e corrupção (9%). Ao cruzar os temas com as intenções de voto,

Bolsonaro lidera entre quem aponta a corrupção (36%), seguido de Lula (32%) e Moro (10%). Curioso ver que não se confirmou a expectativa de Moro ter o maior percentual nesse quesito. Nos demais temas, a liderança é de Lula, com Bolsonaro em segundo e Moro em terceiro. Ao desagregar o tema economia, desemprego lidera com 17%, crescimento econômico com 10% e inflação aparece apenas com 9%. No caso das questões sociais fome/miséria está com 9%, pobreza/gente nas ruas com 1% e habitação com 0%.

Para as perguntas relativas à economia com todo, 66% responderam que a situação piorou em 2021. A expectativa de melhora em 2022 corresponde a 43% das respostas, mas aqui, novamente, há uma diferença relevante: entre os homens o índice sobe para 49% e entre as mulheres não passa de 38%.

Depois de analisar detidamente o excelente relatório da Quaest, é possível fazer algumas inferências, principalmente ao combinar as respostas sobre economia, pandemia e intenção de voto, sendo mandatório observar que há um percentual significativo de eleitores desejando uma candidatura alternativa à dos atuais líderes.

Nesse sentido, o nome que ainda aparece com mais chances é o do ex-juiz, mesmo que atualmente seus percentuais não cheguem a dois dígitos. Entretanto, como ainda estamos a 10 meses do pleito, não se pode descartar a hipótese de um crescimento de Moro. Se, nos próximos três meses, ele conseguir dar uma virada estratégica em sua campanha de modo a alcançar números próximos de 20%, poderá provocar o início de uma onda forte de migração, atraindo boa parcela dos 26% que indicam não quererem Lula nem Bolsonaro. Afinal, tudo ainda pode mudar.



UnB: necessária como nunca para a primeira infância

» PAULA BELMONTE
Deputada federal e coordenadora da
Comissão Externa de Políticas Públicas
para a Primeira Infância

Há quase um mês, a Universidade de Brasília (UnB) iniciou a programação do aniversário de 60 anos, com o lançamento da campanha "Atuante como sempre, necessária como nunca". Foi uma escolha muito feliz, pois a UnB não só é necessária, mas também imprescindível para a população do Distrito Federal.

Desde a assinatura da lei de criação, em 15 de dezembro de 1961, e a inauguração, em 21 de abril do ano seguinte, a UnB tem trilhado uma história de sucesso na pesquisa, no desenvolvimento científico e na excelência no ensino, beneficiando não só os brasilienses, mas todos os brasileiros, com o conhecimento produzido por alunos e professores.

Sempre que ouço críticas de que o mundo acadêmico se encastela em uma torre de marfim, isolado dos problemas do cotidiano da população, refuto essa inverdade com o exemplo da UnB. É graças à pesquisa promovida pela UnB e por todas as universidades que a humanidade conquistou avanços que tornam nossa vida melhor. Além da pesquisa, a UnB desenvolve uma série de ações em prol da comunidade, tais como apoio psicológico, atendimento hospitalar, formação para idosos e suporte à produção sustentável e orgânica de alimentos.

Há uma área do conhecimento na qual a UnB também tem se destacado muito, que são os estudos sobre a primeira infância. O período que vai até seis anos de idade é crucial para o desenvolvimento das crianças. É justamente nesse período que se inicia o processo de desenvolvimento cognitivo e emocional e se forma a memória das experiências vivenciadas.

Há diversos estudos que apontam que os investimentos na primeira infância geram impactos positivos na adolescência e vida adulta das crianças beneficiadas. Já é cientificamente comprovado que investir na primeira infância gera retornos sociais e financeiros que vão muito além de melhor desempenho em disciplinas escolares, podendo gerar impactos que atravessam gerações.

A UnB, que já é referência na área, passará a ter mais protagonismo com a construção do Centro de Pesquisa em Primeira Infância. Inspirado em experiências de sucesso, como o Center on the Developing Child, da Universidade de Harvard, o Centro de Primeira Infância da UnB funcionará como apoio a vários cursos de graduação e pós-graduação, nas áreas da educação, psicologia, sociologia e da saúde, principalmente.

O Centro de Pesquisa em Primeira Infância, que estará pronto em 12 meses a um custo de R\$ 3,6 milhões, vai promover ainda a interação entre os pesquisadores e os projetos de pesquisa, fomentando a interdisciplinaridade e gerando mais conhecimento para os estudos sobre a primeira infância.

Além do Centro de Pesquisa em Primeira Infância, será construída uma creche na Universidade de Brasília, que vai atender a demanda de vagas de funcionários e estudantes da universidade e terá o aporte de R\$ 3,3 milhões. Será uma creche-escola inovadora, que servirá de modelo para o Distrito Federal. Na creche, que estará interligada ao Centro de Pesquisa em Primeira Infância, as crianças terão acesso ao que há de mais atual em pesquisas e atendimento relacionados à primeira infância. É uma conquista para a comunidade, que passará a ter um espaço seguro para as crianças.

Na cerimônia de assinatura dos contratos para a construção das obras, no último dia 29, a reitora Márcia Abrahão foi muito feliz ao dizer que o aporte de recursos é um investimento para toda a comunidade do Distrito Federal, que ainda tem uma carência enorme de creches, e também um investimento no futuro das crianças.

Um dos motivos que me levaram a entrar na política foi justamente cuidar das crianças. Encontrei na UnB a parceria ideal para alcançar esse objetivo. Destinei emendas parlamentares para custear a construção do Centro de Primeira Infância e da creche, pois acredito na competência da reitora Márcia Abrahão e no compromisso da instituição com o bom uso dos recursos públicos.

Durante muito tempo, a primeira infância foi um assunto deixado de lado pelas autoridades porque criança não tem título de eleitor. O que estamos fazendo é pensando nas próximas gerações, que têm muito a ganhar com os investimentos. Todo o investimento na primeira infância é, na verdade, um investimento no desenvolvimento social e econômico do nosso país.

Crédito continuará como protagonista do comércio

» CARLOS THADEU DE FREITAS GOMES
Economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio (CNC)

O ano de 2020 trouxe grandes dificuldades devido à pandemia da covid-19, com o setor terciário sofrendo com o fechamento dos estabelecimentos não essenciais. No entanto, a vacinação está amenizando as perdas, garantindo maior flexibilização das medidas de isolamento em 2021, com recuperação econômica gradual e persistente durante o ano.

Ao decorrer de 2021, o mundo passou a sofrer com as consequências da demanda reprimida pela pandemia, com um processo inflacionário mais acentuado. No entanto, é importante considerar que a inflação já começou a arrefecer nos seus últimos números, com alguns grupos relevantes também desacelerando, como alimentos, habitação e transportes. Com isso, o aumento nos juros em 2022 não deve ser tão intenso.

Importante ressaltar que uma alta muito forte terá o efeito contrário e vai frear o crescimento econômico. Caso os juros cheguem perto de 12% e a inflação em torno de 6%, os juros reais em 2022 tendem a ficar no patamar de 6%, inibindo qualquer potencial de crescimento da atividade econômica.

O Banco Central precisou iniciar um processo de elevação da taxa Selic para amenizar os efeitos inflacionários, aumentando os juros de 2%, no início do ano, para 9,25%, no final de 2021. Entretanto, essas altas não parecem estar interferindo no mercado de crédito, uma vez que 75,6% das famílias relataram estarem endividadas em novembro, o maior nível histórico, segundo a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic) da Confederação Nacional do Comércio de Bens,

Serviços e Turismo (CNC).

Com o mercado de trabalho afetado pela pandemia, muitos brasileiros passaram a recorrer mais intensamente ao crédito para manterem o padrão de consumo. Com isso, observou-se esse nível recorde no endividamento das famílias em 2021. Esse aumento pode ser considerado saudável, pois ajuda a aquecer a economia, e não mostrou efeitos controversos, uma vez que a inadimplência permanece sob controle, com as famílias conseguindo arcar com seus gastos.

Isso porque, ao longo de 2021, pôde-se perceber a recuperação do emprego, com quase 3 milhões de novas vagas geradas no ano até novembro. O que é corroborado pela taxa de desemprego de 12,1% no trimestre terminado em outubro de 2021, o menor nível desde o trimestre terminado em fevereiro de 2020, o início da pandemia.

O efeito positivo da manutenção da inadimplência fez com que os spreads bancários não acompanhassem essa escalada dos juros junto com o aumento do saldo do crédito. Assim, o sistema financeiro garante mais um componente de estabilidade.

Com esses avanços econômicos, o comércio vem se recuperando, com o Natal, feriado mais importante para o setor, tendo faturamento esperado 9,8% acima do resultado de 2020. Com menos feriados em dias úteis na comparação com 2021, a estimativa é de que o comércio tenha prejuízos 22% menores neste ano. Caso se confirme, será a menor perda desde 2014.

Os empresários também percebem um momento econômico mais favorável, segundo o Índice de

Confiança do Empresário do Comércio (Icec), apurado pela CNC. O indicador geral apresentou crescimento de 0,3% em dezembro, acumulando elevação de 10,9% em 2021. Os componentes que representam as Intenções de Investimento e Expectativas do Empresário do Comércio também mostraram evolução.

Não se pode negar que o avanço da inflação representa dificuldade no poder de compra da sociedade, mas, a amenização nesse movimento auxiliará a recuperação. A nova variante Ômicron também arrefeceu as expectativas em relação ao próximo ano, mas elas continuam positivas, apesar de menores. As eleições serão mais um desafio econômico para 2022, pois geram grande incerteza, o que leva à restrição no consumo.

O apoio do consumo financiado pelo crédito vai continuar sempre importante para aquecer a economia, com o Auxílio Brasil dando confiança aos consumidores para tomarem crédito e cumprirem com as obrigações, garantindo rendimentos para os mais necessitados. Este ano, o crédito deve continuar em expansão, podendo crescer 8%, enquanto, em 2021, a estimativa é que tenha crescido acima dos 13%.

Os fatores de recuperação de 2021 devem permanecer em 2022, com a vacinação avançando, assim como a maior movimentação da população, o que deve apoiar a tendência positiva do comércio. As vendas do varejo devem crescer cerca de 3% em 2022, depois de avançarem 5% em 2021. Mesmo com a desaceleração, esse crescimento é favorável, considerando os desafios que nos esperam ao longo deste ano.